

# Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos

*For a Present Time History: the essay of ourselves*

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo, procuro identificar e verticalizar grandezas e referenciais teórico-conceituais sobre o domínio da História do Tempo Presente, e tangenciar alguns aspectos metodológicos que auxiliem em uma possível carpintaria – uma dentre outras possíveis – deste campo de investigação. Entendo aqui que, quando ensaiamos, antes de tudo ensaiamos a nós mesmos, e, da mesma maneira, escrever sobre o tempo presente é procurar uma grade de análise e inteligibilidade a nosso respeito.

**Palavras-chave:** história do tempo presente, metodologia, teoria.

**Abstract:** This paper seeks to identify and verticalize theoretical and conceptual magnitudes and frameworks for Present Time History, as well as to approach some methodological issues to support the carpentry – one among many possibilities – of Present Time History as a research field. This paper assumes that any essay is an essay of oneself and, likewise, to write about the present time is to look for an analytical frame in order to read ourselves.

**Keywords:** Present Time History, methodology, theory.

A título de apresentação, eis a definição que Jean-Pierre Rioux dá a este campo historiográfico: “Um vibrato do inacabado que anima todo um passado, um presente aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas, é um pouco isto, a História do

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em Marketing e Comunicação Social pela Fundação Cásper Líbero, e atualmente mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na área de concentração História do Tempo Presente, e na linha de pesquisa Linguagens e Identificações. Orientado pela Profa. Dra. Márcia Ramos de Oliveira (UDESC) e coorientado pelo Prof. Dr. Artur Cesar Isaia (UFSC). Bolsista PROMOP/UDESC. E-mail para contato: edumeinberg@gmail.com

Tempo Presente.”<sup>2</sup> Sobre os motivos que teriam levado ao desabrochar deste campo historiográfico, comentam Agnès Chauveau e Philippe Tétart que seriam a história renovada do político, o impacto de geração<sup>3</sup> e o fenômeno concomitante de demanda social.<sup>4</sup> Para estes dois autores, esta modalidade historiográfica seria tributária dos anos 1950, quando a sociedade demandava esclarecimentos a respeito dos traumas que vivera. Essa produção histórica, simétrica à demanda social, teria como raízes ainda o “aumento e a aceleração da comunicação, a renovação progressiva da imprensa e da edição, a elevação do nível de estudo e a força dos engajamentos ideológicos, morais, dos anos 50-60”.<sup>5</sup> Agnès Chauveau e Philippe Tétart comentam que este campo se ampara no pressuposto metodológico de que a história não é somente o estudo do passado, mas também, “com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.”<sup>6</sup> Meu objetivo aqui é identificar algumas medidas metodológicas para uma possibilidade – apenas uma dentre outras tantas – de um fazer histórico deste campo.

Como norteador para a identificação destes parâmetros, tomo aqui uma palestra proferida por Jorge Larrosa em 2004<sup>7</sup> e transformada em artigo, que julgo de grande potencial de utilização, especialmente para os historiadores do tempo recente. Tomo aqui *história do tempo presente* e *história do recente*, dentre outros epítetos posteriormente citados, como sinônimos. História do presente, história próxima e história imediata não se referem exatamente à mesma cronologia, segundo autores como Chauveau e Tétart na obra supracitada. Para eles, estes três tempos históricos fariam parte de um tempo muito contemporâneo, que seria aquele a partir do segundo terço do século XX. De modo geral, a história próxima é entendida como dizendo respeito aos últimos trinta anos, enquanto a história do presente englobaria, segundo outros, os últimos cinquenta ou sessenta anos. As duas funcionariam do mesmo modo, definem-se por características comuns, como a natureza dos arquivos e sua forma de acessibilidade, a

---

<sup>2</sup> RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.39-50. A citação consta da p. 50.

<sup>3</sup> Entendida como a geração que vivera os traumas relacionados à Segunda Guerra Mundial.

<sup>4</sup> CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. In: CHAUVEAU, TÉTART, op.cit., p. 7-37. A citação consta da p. 15.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>7</sup> LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade** [dossiê Michel Foucault], Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 27-43, 2004.

natureza dos métodos, o círculo dos historiadores, a continuidade cronológica num século. Já a história imediata, aquela feita no calor do acontecimento e geralmente associada ao ofício jornalístico, seria o complemento da história do presente. Entendo que todas façam parte do mesmo campo historiográfico, e por essa razão, neste artigo associo estas expressões aos epítetos primeiramente mencionados. O texto de Larrosa, induzindo o pensar em atalhos e limites, aponta alternativas para um trilhar metodológico desta modalidade historiográfica. Nele Larrosa identificará a relação entre o fazer um ensaio acadêmico e o ensaiar a si mesmo, na perspectiva do ensaio como relato da vida e da vida como percurso do fazer de si próprio. Ao verticalizar algumas das discussões propostas pelo autor espanhol, procurarei fazê-lo através da associação com outras falas relevantes. Ao me utilizar da figura do ensaio<sup>8</sup> como representação desta história do recente, e do ensaísta proposto por Larrosa como representação do investigador deste campo, sinalizo para o que entendo ser o pressuposto epistemológico mais relevante deste módulo historiográfico: se marcar pela e na subjetividade, e especialmente, ser uma história *de nós mesmos*, ainda que outros tipos de história em alguma medida também o sejam.

### **Escrever é escrever sobre si mesmo**

Em sua palestra, Jorge Larrosa comentou que, ao identificar as reverberações das leituras da obra de Michel Foucault na construção de sua identidade pessoal,<sup>9</sup> percebeu também que ele mesmo, ao ensaiar, também se ensaiava.<sup>10</sup> Por ser o modo experimental que daria forma ao pensamento, à escrita e à vida, o ensaio se caracterizaria pela sua constante problematização, sendo para Larrosa “uma escrita no presente” e tendo

---

<sup>8</sup> Entendo ensaio aqui como o texto literário (inclusive o acadêmico) onde são expostas ideias e reflexões sobre algum tema. É muitas vezes a defesa de um ponto de vista subjetivo e autoral.

<sup>9</sup> Declarando os ecos de Foucault sobre sua identidade, Larrosa comenta: “me deu vontade de propor um balanço, só que não de Foucault, mas de nós mesmos, do que significa para cada um o fato de que, marcados pela leitura juvenil de Foucault, nos tornamos maiores”. LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p.28.

<sup>10</sup> Larrosa sublinha, citando Michel de Eyquem de Montaigne: “se minha alma pudesse dar pé, eu não me ensaiaria, me resolveria; mas ela se encontra sempre em aprendizagem e à prova”. Ibidem, p. 29.

como finalidade dar forma a uma experiência deste presente.<sup>11</sup> Entendo que, de maneira semelhante, através da mirada para o tempo passado, este esquadrihador do recente pode objetivar o entendimento da sua própria realidade e entorno.<sup>12</sup>

Associado a isto, Serge Berstein e Pierre Milza comentam que, ao se situar a emergência de fenômenos de longa duração no seio do presente, se pode “modificar permanentemente o significado destes, mudando as perspectivas segundo as quais os consideramos, procurando no passado novos objetos de estudo em função das preocupações do presente.”<sup>13</sup> Acontecimentos com diferentes origens e espessuras de duração se presentificam e, lançando luz sobre o acontecido, nos estudamos como indivíduos interessados no assunto, compreendendo melhor quem somos hoje. Isso pode ser possibilitado, por exemplo, através de um esforço comparativo, o que provavelmente encontraria ressonâncias na *simultaneidade* de John Gaddis.<sup>14</sup> Seria também o que Jean-Pierre Rioux coloca a respeito da “ênfase da representação do passado como sendo integrante do imediato”.<sup>15</sup> Quando essa representação do passado contribui na edificação do contemporâneo, automaticamente coloca a questão do

---

<sup>11</sup> LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 33. Larrosa complementa comentando que, “quando o ensaísta adota a máscara do historiador, o tema de suas histórias não é o passado, mas o presente”. Ibidem, p.34.

<sup>12</sup> Tomo como exemplo a citação de André Chevitarese, durante o I Seminário Internacional do Jesus Histórico, realizado entre os dias 16 e 18 de outubro de 2007, no IFCS, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que ele comenta sobre a importância da identificação histórica de Jesus para o indivíduo do presente: “pesquisar o Jesus Histórico é estudar o tempo presente, o nosso tempo. É pensar Jesus, os seus discípulos mais próximos e suas experiências comunitárias à luz da História, da Arqueologia, da Sociologia etc. É dizer, por exemplo, que Jesus era judeu, de nascimento, de vida e de morte. É pensar em Judaísmos, em Cristianismos, rompendo com a noção de unicidade desses movimentos religiosos”.

<sup>13</sup> BERSTEIN, Serge, MILZA, Pierre. Conclusão. In: CHAUVEAU, TÉTART (orgs.). **Questões para a história do presente**, op.cit., p. 127-130. A citação consta da p.129.

<sup>14</sup> A simultaneidade seria para Gaddis a comparação entre fenômenos históricos diferentes e separados pela espessura da temporalidade. GADDIS, John Lewis. **Paisagens da História**: como os historiadores mapeiam o passado. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

<sup>15</sup> RIOUX, Pode-se fazer uma história do presente?, op.cit., p. 49. Para Rioux, a esta ênfase da representação do passado como sendo integrante do imediato se associam o “imbricamento constante, cruel e alimentador do passado com o presente” e o “trabalho do luto como condição necessária para o apaziguamento ou hierarquização de um presente invasivo”.

sentido para os fatos presentes, indo de encontro com o alerta de Jacques Le Goff sobre a importância de se “esclarecer o presente pelo passado e o passado pelo presente.”<sup>16</sup>

Penso que, diante de uma demanda intensa de pessoas ávidas por uma grade de inteligibilidade de si e de seu entorno, o historiador do novo e do próximo deve identificar e desenvolver um ferramental que viabilize esta análise. A respeito disto, questionaria Jean-Pierre Rioux:

[...] pode ser o presente objeto de história? Como de fato inscrever um presente fugaz na construção, ou reconstrução, necessariamente temporal ou retroativa, que elabora o historiador confrontando suas hipóteses de trabalho com a dura realidade da documentação e do arquivo recebidos? Avançando um pouco a reflexão, percebe-se que essa dúvida remete a uma inquietação propriamente filosófica: o presente tem sua chance diante de uma longa duração que parece ser – toda a obra de um Fernand Braudel foi construída em cima desse “parece” – a verdadeira modulação e a respiração vital do devir humano?<sup>17</sup>

Depreendo que um arsenal metodológico que possa viabilizar o fazer da história do hoje e do próximo deva possivelmente se desenvolver a partir daquele que é provavelmente o centro das inquietações a respeito deste tipo de história, a subjetividade.

O primeiro aspecto diz respeito à subjetividade daquele que pesquisa e escreve. Muitas vezes, este é testemunha e historiador, escrevendo e descrevendo o que vê, sendo em muitos casos também ator da situação pesquisada. Neste campo historiográfico, a escrita e o pensamento se identificam com uma primeira pessoa que não está como objeto, mas como observadora, como alguém pensante. De modo semelhante, e segundo Jorge Larrosa, o ensaísta não põe a si mesmo na escrita, mas “tira algo de si

---

<sup>16</sup> LE GOFF, Jacques. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, TÉTART, **Questões para a história do presente**, op.cit., p. 93. Le Goff, parafrazeando Marc Bloch através deste esclarecimento do presente pelo passado e do passado pelo presente, o faz associando duas inquietações suas: “houve na Idade Média fenômenos históricos que esclarecem o presente imediato? O que se passa hoje me permite melhor compreender o que aconteceu na Idade Média? Essas duas questões complementares constituem para mim uma espécie de leitura instintiva da história imediata e de minha reflexão sobre ela”.

<sup>17</sup> RIOUX, Pode-se fazer uma história do presente?, op.cit. p. 40.

e faz algo consigo mesmo escrevendo, pensando, ensaiando.”<sup>18</sup> Cogito a hipótese de que aquele que escreve sempre escreve e pensa sobre si e a partir de si mesmo, e por ser uma escrita comprometida com sua sensibilidade, isto faria dos seus escritos mais verdadeiros. E, para Larrosa, a experiência do tempo presente é a que deve ser pensada, e não com a verdade de nosso passado, mas “com o passado de nossas verdades; não a verdade do que fomos, mas a história do que somos e daquilo que [...] já estamos deixando de ser”.<sup>19</sup>

Outro aspecto relativo à atenção à subjetividade reside no depoimento e no depoente. Ao se trabalhar com a *memória como fonte viva* de seus estudos, matriz marcada pelo próprio presente, há, como disse Robert Frank, a “contemporaneidade intrínseca entre o historiador e o ator”.<sup>20</sup> Beatriz Sarlo complementa que “o tempo próprio da lembrança é o presente: isto é, o único tempo apropriado para lembrar e, também, o tempo do qual a lembrança se apodera, tornando-o próprio”.<sup>21</sup> É no presente que se têm as lembranças que são colocadas em narrativa, e a narrativa também pertence ao presente. O testemunho e a transcrição deste também se situam neste momento, bem como outros processos de um provável processo de editoração desta pesquisa, como sua divulgação e a recepção por parte do leitor.

Ao trabalhar com esta história próxima, da qual faz parte como testemunha viva, inquirindo fontes também proteiformes, podem apontar-se a este investigador do presente algumas implicações de caráter ético. Para Arnaldo Huff, por exemplo,

[...] mais que as outras histórias, a história do tempo presente coloca a questão do papel fundamental das escolhas do historiador e de sua condição política. Há uma exigência ética na base de seu trabalho, a qual se manifesta mais na busca que no conteúdo, diz Bédarida. Normalmente, fazer história do tempo presente começa pela definição de um problema de pesquisa que tem implicações existenciais para o pesquisador, de modo mais agudo que na pesquisa de épocas mais distantes. [...] Por outro lado, a questão do

---

<sup>18</sup> LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 37.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>20</sup> FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, TÉTART, **Questões para a história do presente**, op.cit., p. 103-117. A citação consta da p.103.

<sup>21</sup> SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 10.

presente e de uma história do tempo presente torna-se eminentemente política não apenas pelas escolhas do historiador, mas também porque “sujeito” e “objetos” da pesquisa habitam o mesmo tempo.<sup>22</sup>

Para este, possíveis complicações poderiam decorrer deste ponto, como a “desconfortável posição de ‘definir’ o que é e o que não é informação correta ou verossímil”, e a tarefa de selecionar o conteúdo de depoimentos e comunicar resultados aos depoentes. Para ele, nos estudos de história oral “fica sempre um quê de incômodo com a sensação de que os entrevistados poderão não gostar, não concordar ou mesmo se ofender com as conclusões do pesquisador”.<sup>23</sup>

Também sobre a memória como fonte do historiador do hodierno, entendo que um importante parâmetro axial de controle da subjetividade está (como deve estar para os historiadores de outras temporalidades) em colocar o depoimento sob o crivo da crítica e da perspectiva histórica, o que se reveste de relevância, pois, como se refere Frank, a memória “é também geradora de erros, de mitos, de mitologia e, evidentemente, o historiador tem muito que fazer para corrigir e desmistificar”.<sup>24</sup> Neste sentido, Sarlo também comenta que:

[...] o testemunho, por sua autorrepresentação como verdade de um sujeito que relata sua experiência, exige não ser submetido às regras que se aplicam a outros discursos de intenção referencial, alegando a verdade da experiência, quando não a do sofrimento, que é justamente a que deve ser examinada.<sup>25</sup>

Aufiro que, durante sua análise, este investigador do recente deva identificar essas falhas, ausências, verdades particulares e falseamentos, selecioná-los e hierarquizá-los, colocando-os no horizonte da historicidade. E ainda, identificados estes mitos e falhas do discurso, deve-se procurar

---

<sup>22</sup> HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e História do Tempo Presente - Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo, v. 1, n. 3, 2009. p. 20.

<sup>23</sup> Para este, ainda, “mesmo que não haja uma unanimidade teórico-metodológica entre os praticantes da história do tempo presente, uma saída frequente, e um tanto esquivada, diante desse problema, tem sido a de privilegiar abordagens relativas às reconstruções da memória, sem adentrar mais propriamente no aspecto fático”. HUFF JÚNIOR, op.cit. p. 23.

<sup>24</sup> FRANK, Questões para as fontes do presente, op.cit. p.107.

<sup>25</sup> SARLO, **Tempo passado**, op.cit. p. 38.

reconhecer as possíveis causas desta mitificação. Às lacunas e falseamentos perfilados, avento duas razões potenciais: a vontade consciente em camuflar algo (plausivelmente) traumático e a involuntariedade da memória, conforme Marcel Proust já sinalizara.<sup>26</sup> Para Proust, por ser involuntária, a memória é desorganizada, descontínua e fragmentária, o que levaria a um discurso do mesmo gênero. O ofício então se deve pautar no constituir dessa memória. Assim, *selecionar, criticar e hierarquizar* são ações fundamentais. Outro método que me parece verossímil neste caso é o de *estabelecer comparações* entre estes discursos, contextualizando-os na personalidade e na duração que os separa, procurando identificar a ação discursiva do presente com a do tempo acontecido.

E por mais que se possa identificar deformações na narrativa mnemônica, deve-se ressaltar que essa deformação pode ocorrer em outras etapas da comunicação, da transmissão à recepção, passando pela transcrição e circulação do documento. Assim, a ressignificação e a reconstrução, típicas do processo mnemônico, também podem se fazer presentes em todo o processo de conhecimento histórico. E quanto ao controle da subjetividade do esmiuçador do tempo próximo, outros parâmetros possíveis podem ser destacados.

Jorge Larrosa sinaliza uma boa pista quando comenta que o ensaísta deveria desnaturalizar o dispositivo científico-moderno que define as regras dos jogos de verdade, criticando um modo de vinculação entre subjetividade e verdade e chamando a uma dessujeição de si em relação a estas políticas da verdade.<sup>27</sup> Entendo que a escrita do tempo presente deve ser identificada não como a expressão de um sujeito, mas como o lugar no qual a subjetividade ensaia e experimenta a si mesma em relação à sua exterioridade e estranheza, e identificar isto tem muita relevância, especialmente pelo vínculo que se forma com a própria concepção de *verdade*. Larrosa analisa que esta não deve ser entendida como a relação

---

<sup>26</sup> Proust comentou que a melhor parte de nossa memória está fora de nós. Para ele, “está numa brisa chuvosa, num cheiro de quarto fechado, ou no de um primeiro fogaréu, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que nossa inteligência rejeitara, por julgá-lo inútil, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem ter secado, sabe ainda fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas escondida a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado. É graças a tal esquecimento que podemos, de vez em quando, reencontrar o ser que já fomos, colocarnos face a face às coisas como o era essa criatura, sofrer de novo, porque não somos mais nós mas ele, é ele quem amava a pessoa que agora nos é indiferente”. PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido – v.2: A sombra das raparigas em flor**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 493.

<sup>27</sup> LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 42.



entre um enunciado e uma realidade, mas sim como a relação “entre cada um de nós e sua escrita, seu pensamento e sua vida, uma relação que não seja de domínio, mas de compromisso, que não seja de apropriação, mas de transformação.”<sup>28</sup> Apreendo que a percepção de verdade deva ser vista como algo relativo a cada um: seriam assim, *verdades*,<sup>29</sup> e é provável que este entendimento deva fazer parte da metodologia de qualquer história, inclusive da história presente. A plasticidade que se embute neste termo provavelmente seja reflexo das identificações múltiplas que se fragmentam e moldam em uma sociedade potencialmente plástica, e o historiador do recente deve estar atento a isto, pois se isso fizer parte de nossos dias, deve fazer parte da escrita e da construção desta modalidade histórica. A História do Tempo Presente seria, assim como o ensaio, uma escrita de um tempo à deriva, se inserindo nos discursos sobre a modernidade contemporânea. Esta subjetividade, segundo Larrosa, não se expressa, mas se vivencia,<sup>30</sup> e esta experiência do sujeito é em relação à sua própria contingência e transformação. Para Larrosa,

[...] no ensaio, o importante não é a posição do sujeito ou a o-posição ao sujeito, mas a exposição do sujeito; uma exposição que é um experimento de si no sentido ativo de quem faz a experiência ou no sentido passional de quem padece uma experiência. O sujeito do ensaio é uma primeira pessoa que se ensaia [...] experimentador e experimental.<sup>31</sup>

O *ceticismo* seria a atitude por excelência tanto do ensaísta quanto deste historiador, que deve praticar mais a *skepsis* que a *gnosis*, ou seja,

---

<sup>28</sup> E comenta ainda que Foucault deixara como herança uma lição de cunho tácito, relacionada a algo que tivesse “a ver com a verdade de um exercício constante na escrita, no pensamento, na vida. Algo que tem a ver com a honestidade e a generosidade. Algo que tem a ver com o ensaio”. LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 42.

<sup>29</sup> Creio ser também conveniente utilizar o artigo indefinido feminino ao se tratar deste termo. Assim, conviria chamar de *uma* verdade, ou como usei acima, e através do plural, *verdades*.

<sup>30</sup> Para Larrosa, esta seria uma das operações de Foucault sobre o ensaio: pensar o sujeito do ponto de vista da experiência do autor e do viés de sua transformação, ficando patente a importância da atenção à subjetividade deste. Ele refere que “por isso, para nós, velhos leitores de Foucault, a primeira pessoa do singular, que diz ‘eu’ quando pensa, escreve ou vive, já é, talvez para sempre, um problema, e já se fez para nós, talvez para sempre, o mais difícil.” LARROSA, op.cit., p. 37.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 37.

mais a indagação e a crítica que o saber em si, e assim, sua crítica seria moldada com a autocrítica, com um desprendimento que se relaciona com a dessujeição dos jogos de verdade e de poder, sendo esta crítica um exercício ascético de liberdade, de emancipação.<sup>32</sup> Jorge Larrosa também comenta que o ensaio seria o resultante da experiência simultânea entre a escrita e o pensamento. Assim, ao mesmo tempo, decidiria o que nos é ofertado em escrita e em pensamento, no tempo do presente e em primeira pessoa.<sup>33</sup> Entendo, portanto que o *cuidado com a subjetividade*, que conforme Le Goff aparece como inevitável,<sup>34</sup> com o amenizar da parcialidade, é uma das grandezas metodológicas desta história do recente.

Outra medida metodológica relevante para o pesquisador do tempo próximo (e para os que se debruçam sobre outros tempos) me parece ser a *atenção aos detalhes*, o cuidado com os pequenos sinais. Larrosa reforça a ideia de que, para que o presente nos diga algo, deve-se buscar nele dados signos que, por menores que sejam, o identificam e o esclarecem:

[...] aí está a magia e o talento do ensaísta, nesse olhar afinado que lhe permite prestar atenção àquilo que habitualmente passa despercebido, ao detalhe, mas que, ao mesmo tempo, consegue que esse detalhe apareça sob uma nova perspectiva e que se amplie até o infinito, que expresse todo um mundo e toda uma forma de habitá-lo e, ao mesmo tempo, o estranhe até torná-lo inabitável. Ou torná-lo habitável, mas, precisamente, neste estranhamento.<sup>35</sup>

Sobre a importância da procura afinada de pistas e fragmentos no próprio presente, ou “detalhes que o identifiquem e esclareçam, ainda que

---

<sup>32</sup> E aqui se apresentaria, segundo Larrosa, outra operação de Foucault sobre o ensaio, a de pensar a crítica ou o pensamento, “como um exercício de liberdade, mais afirmativo que negativo, mais criativo do que militante, mais de exposição que de oposição. Por isso, [...] a crítica já é, talvez para sempre, um problema; e se tornou, para nós, o mais difícil”. LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 38.

<sup>33</sup> Para ele, aqui se encontraria outra operação de Foucault sobre o ensaio: transformar em problema a relação entre pensamento e escrita. E complementa: “Por isso, para nós, leitores já velhos de Foucault, a escrita já é, talvez para sempre, um problema, e a escrita se fez para nós o mais difícil”. Ibidem, p. 34.

<sup>34</sup> Segundo Le Goff, há uma “inevitável subjetividade que se impõe na história imediata. O historiador preso entre seu engajamento pessoal e o dever profissional da objetividade tem muita dificuldade em conciliá-los honestamente. Mesmo se o passado desencadeia suas paixões, para ele é mais fácil tomar distância, pois a distância do tempo está objetivamente presente”. LE GOFF, A visão dos outros, op.cit. p. 100.

<sup>35</sup> LARROSA, op.cit. p. 35.

pareçam mínimos”,<sup>36</sup> estabeleço um paralelo com Giovanni Levi,<sup>37</sup> que sublinha que o recorte em micro-história, temático, deve apontar para um contexto mais ampliado. Para este, a micro-história deveria servir como o *zoom* de uma fotografia. Ultrapassando o “micro”, se alcançaria o “macro”. A prática da micro-história, para este, se dá do seguinte modo:

[...] dado um episódio, um lugar, um documento, devemos aplicar nele uma redução de escala. A micro-história é uma prática que implica o rompimento de hábitos generalizantes. Não buscamos a generalização das respostas, e sim das perguntas: quais são as perguntas que podemos criar e aplicar também em situações totalmente diferentes? Sendo bem sintéticos: estamos interessados na pergunta geral que emerge de uma situação local [...]. porque não se trata de uma história local, e sim de uma tentativa de encontrar perguntas gerais a partir de uma situação socialmente específica.<sup>38</sup>

De modo similar ao de Levi, Larrosa usa a frase “aparentemente, este lugar é simples”, relacionada à descrição de uma fotografia que representa o fragmento de uma aula, explicando que o ensaísta-historiador deve procurar retirar mais do que o objeto aparenta oferecer, devendo-se

[...] ampliar até derivar dele toda uma concepção do espaço e do tempo escolar, toda uma concepção da ordem pedagógica, de seus rituais, de suas regras, de seus limites e de suas possibilidades, e também das resistências que se produzem em seu interior.<sup>39</sup>

Nessa proposição creio ser possível inserir o uso da escala e do jogo de escalas, conforme sugerido, respectivamente, por John Gaddis<sup>40</sup> e

---

<sup>36</sup> LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 35.

<sup>37</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 133-161.

<sup>38</sup> LEVI, Giovanni. O microscópio infinito - entrevista com Giovanni Levi. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 41, fev. 2009.

<sup>39</sup> LARROSA, op.cit. p. 35.

<sup>40</sup> GADDIS, **Paisagens da História**, op.cit. Para John Gaddis, na escala o historiador circularia entre as realidades ou dimensões macro e micro, assim podendo construir sua representação com a maior ou menor aproximação possível. Mas o autor faz um aviso, uma crítica a como se utiliza a micro-história comumente: não se deve cair na falácia da holística, pois a ideia de que nos detalhes (micro) está representado o geral (macro) é enganosa.

Bernard Lepetit.<sup>41</sup> Uma análise pormenorizada e contextualizada também pode ser um ferramental de bastante relevo ao historiador da proximidade, especialmente ao prover auxílio no entendimento entre o micro e o macro, oferecendo também esteio no controle da opinião pessoal e da proximidade.

O *recurso*, com a ampliação da distância histórica e o afastamento que pode proporcionar entre nós e nós mesmos, é outra ferramenta metodológica importante a qualquer historiador, especialmente na checagem desta subjetividade. Em relação à história do presente, a inquietação parece estar em relação à proximidade temporal,<sup>42</sup> como vemos em Rioux:

[...] como traduzir em termos de duração um presente, por definição, efêmero? Presente cuja produção, além disso, é cada vez mais, ao longo do século XX, fenômeno atual, cujos delineamentos são confundidos nesse turbilhão denso e indistinto de mensagens, nesse imenso rumor mundializado de um “atual” triturado, amassado, transformado sem trégua, sob o triplo efeito da midiaticização do acontecido, da ideologização do ato e dos efeitos de moda na nossa apreensão de um curso da história? Se nosso presente é uma sucessão de flashes, de delírios partidários e de jogos de espelhos, como sair dele para erigi-lo em objeto de investigação histórica?<sup>43</sup>

Ainda que este tipo de preocupação seja válida, creio ser possível estabelecer cuidados que desapaixionem a escrita deste tempo. A construção desta mediação passa justamente pela *reflexão crítica* sobre o tempo e pela *colocação do depoimento* na perspectiva da espessura da duração, do passado próximo ao mais longínquo. Larrosa sinaliza isto: para ele, o ensaísta “abre e ajusta uma distância”<sup>44</sup> que tem como alvo a separação do mundo, da realidade, do presente e de nós mesmos. Ilustro aqui o recurso do historiador através de dois exemplos. O primeiro está em *Paisagens da História*, de John Gaddis, onde ele comenta sobre o quadro “Viajante sobre

---

<sup>41</sup> LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogo de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV. 1988. p. 77-102. O jogo de escalas seria a relação estabelecida entre a microanálise de particularidades históricas como texto e um âmbito maior como contexto. Assim, a micro-história seria signatária do jogo de escalas, pois ela depende também do contexto.

<sup>42</sup> A meu ver, dentre outras, uma dificuldade estaria na suposta falta de fontes e de documentos completos.

<sup>43</sup> RIOUX, Pode-se fazer uma história do presente?, op.cit., p. 41.

<sup>44</sup> LARROSA, A operação ensaio, op.cit. p. 38.

o Mar de Névoa”, de Caspar David Friedrich. Friedrich retrata um personagem a observar ao longe os acontecimentos. Assim também é o ofício do historiador: usar do distanciamento que o tempo demanda, já que o passado nos costuma chegar através de representações dele mesmo, através da sobrevivência de artefatos e pistas do que se foi. O segundo está em Walter Benjamin,<sup>45</sup> onde este, através da nona das suas teses sobre o conceito de História, comenta a pintura “Angelus Novus”, de Paul Klee, onde identifica o “anjo da História” recuando alheio a sua vontade – segundo Benjamin, com o “rosto dirigido ao passado”, o que poderíamos adaptar para o *presente* – e sendo separado de seu objeto de observação. Esse afastamento desconjunturaria o presente, convertendo-o não em tema, mas em problema, fazendo com que, segundo Larrosa, “percebamos quão artificial, arbitrário e produzido é o que nos parece dado, necessário ou natural, mostrando a estranheza daquilo que nos é mais familiar, a distância do que nos é mais próximo,<sup>46</sup> e levando a produzir as fraturas necessárias entre nosso passado, ainda que um passado muito recente, e nós mesmos.

Em relação à dificuldade de recuo dos historiadores do tempo presente, comenta Jean-Pierre Rioux, que

[...] os historiadores do recente [...] bastante bem garantidos sobre suas retaguardas sociais, fizeram bonito, no final das contas, martelando o bom senso do velho artesão, metodologicamente pouco sofisticado mas passavelmente percuciente: o argumento da “falta de recuo” não se sustenta, dizem eles, pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo o tempo, o famoso ‘recuo’”.<sup>47</sup>

Assim, a *experimentação das hipóteses de trabalho* pelo historiador, a *ambição científica responsável* pela construção do objeto de estudo, o *rigor de seus questionamentos* e a *correta metodologia* investigativa o protegeriam desta proximidade interferente. E entendo também ser importante o cuidado com uma excessiva relativização do discurso

---

<sup>45</sup> BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas - v.1, Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

<sup>46</sup> LARROSA, op.cit. p. 34.

<sup>47</sup> RIOUX, Pode-se fazer uma história do presente?, op.cit. p. 46-47.

subjetivo, que pode se acompanhar de uma exagerada atenuação do aspecto factual ou, como disse Robert Darnton:

[...] como historiador, estou com aqueles que veem a história como uma construção imaginativa, algo que precisa ser retrabalhado interminavelmente. Mas não acho que ela possa ser convertida em qualquer coisa que impressione a fantasia. Não podemos ignorar os fatos nem nos poupar ao trabalho de desenterrá-los, só porque ouvimos falar que tudo é discurso.<sup>48</sup>

Outra orientação metodológica, segundo Le Goff, estaria em se conduzir questionamentos que colocariam o acontecimento do recente em uma espessura da duração, como “de onde vem isso? Até onde é preciso remontar para compreender bem o acontecimento, a situação, o problema de hoje? Mas no que e por que é diferente?”.<sup>49</sup> E ainda, já que não há história imóvel, “quais foram as grandes viradas, as grandes rupturas (se as houve) no passado no que concerne ao acontecimento, à situação de hoje?”,<sup>50</sup> bem como outras indagações igualmente simples, mas também relevantes para se manifestar a *postura crítica* em relação ao seu objeto e fontes: “Quem? Quando? Onde? Com que fim? O que é que falseia a verdade? Como?”.<sup>51</sup> Seria um esforço para se explicar o acontecido, com uma leitura do presente *inserida* na espessura da duração, investida da profundidade que o investigador deve ter. Le Goff também comenta sobre a relevância de se “manifestar quanto a suas fontes o *espírito crítico* de todos os historiadores, segundo os métodos adaptados a suas fontes”.<sup>52</sup>

Esta inserção de uma história ativada pelo presente em uma escala de tempo mais aberto parece ser uma alternativa interessante ao pesquisador deste tempo recente. Jacques Le Goff chamará a atenção para a necessidade de se criar uma seleção hierarquizada, em relação à inserção do acontecimento presentificado na espessura temporal:

[...] tentar hierarquizar os fatos, distinguir o incidente do fato significativo e importante, fazer do acontecimento aquilo que permitirá aos historiadores

---

<sup>48</sup> Apud MORAES, José Geraldo Vinci. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, 2000. p. 212.

<sup>49</sup> LE GOFF, A visão dos outros, op.cit., p. 94.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 101-102.

do passado reconhecê-lo como outro, mas também integrá-lo numa longa duração e numa problemática na qual todos os historiadores de ontem e de hoje, de outrora e do imediato, se reúnam.<sup>53</sup>

Parece-me claro que este pesquisador deve estar bem atento à grande massa de documentos disponíveis, e que esta profusão de fontes exige do historiador uma *seleção* acurada, com repúdio e hierarquização contundentes, se fazendo mister esse ofício rigoroso. Como também comentam Serge Berstein e Pierre Milza, o historiador do presente deve se “cercar de uma multiplicidade de fontes para aí encontrar o necessário confronto entre múltiplas abordagens que, sozinhas, legitimam a veracidade do fato, tecido inexcedível de toda reflexão histórica”.<sup>54</sup> Estes dois autores também lembram a importância de se obrigar a esse

[...] rigor na análise, ao conhecimento do contexto indispensável para esclarecer e relativizar as informações dos documentos, à prudência da síntese que não pode ser estabelecida senão ao final de uma sólida demonstração.<sup>55</sup>

Entendo que as grandezas teórico-metodológicas identificadas aqui podem ser bem aproveitadas pelo detetive do recente. Muitas outras poderiam ter sido identificadas, comentadas e verticalizadas, mas isso demonstra um pouco do que é esta História do Tempo Presente: uma história ainda por se fazer. Talvez isto tenha algo a ver conosco, com seres humanos que ainda se fazem cotidianamente. Talvez para nós, novos investigadores deste campo, identificar a nós mesmos diante de nossos objetos de pesquisa seja uma espécie de problema. Mas penso que, ainda assim, possa ser um problema prazeroso.<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> LE GOFF, A visão dos outros, op.cit. p. 101-102.

<sup>54</sup> BERSTEIN, MILZA, Conclusão, op.cit. p. 128.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>56</sup> Dedico este artigo à Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha, que durante suas aulas de Teoria e Metodologia da História do Tempo Presente do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC, em 2008, muito nos auxiliou na identificação de um trilhar conceitual e metodológico da história próxima, nos ofertando generosamente sua cortesia e brilhantismo.